

# A Estratégia Comunicacional Contra a Memória Hegemônica e o Senso Comum Midiático<sup>1</sup>

Raquel Paiva<sup>2</sup>

## Resumo

Pretende-se inicialmente discutir a necessidade de retrabalhar as noções de narrativa e de senso comum. A idéia central está na demonstração de que as estruturas narrativas engendram configurações ideológicas do pensamento hegemônico. O enfoque centra-se na construção das narrativas sobre a mulher, levantando como exemplos casos de representação da mídia sobre a mulher e ainda o esquecimento social da participação feminina na história do país. O objeto teórico é a produção midiática em seus múltiplos discursos, mas também os agenciamentos das estruturas e instâncias de mediação social tradicional, como a escola e o trabalho. Propõem-se saídas para a construção de narrativas inclusivas, em que os grupos minoritários possam resgatar seu papel histórico e social no contexto da atualidade.

---

## PALAVRAS – CHAVE

MINORIAS – NARRATIVA – MEMORIA – COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA - SENSO COMUM

---

O jornal o Globo trouxe, na coluna assinada pelo jornalista Ancelmo Gois, no início do ano de 2003, em duas edições, uma seqüência de fotos de duas mulheres de destaque na política regional e nacional. Nos dois casos, mostravam-se os diversos penteados que a atual governadora e a então ministra da Ação Social haviam tentado para conter, segundo a própria coluna, as suas rebeldes madeixas. . Já em maio de 2004, a mesma coluna abria generoso espaço para estampar a imagem da senadora Heloísa Helena — que se achava

---

<sup>1</sup> - Trabalho enviado para o NP 13 - Comunicação e Cultura de Minorias, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> - Coordenadora do NP 13, Professora Adjunto IV da ECO/UFRJ, Coordenadora do Program de Pós Graduação ECO/UFRJ, pesquisadora do CNPq, escritora, jornalista, consultora da Andi, mestrado e doutorado na ECO/UFRJ, PDEE na Università degli Studi di Torino,- Itália, pós-graduação no Ciespal, Quito-Ecuador.

ausente do noticiário desde a sua expulsão do PT, por motivos de discordância ideológica – de saia curta e “visual” elegante à mostra.

Enquanto caso isolado, isto não produziria qualquer reflexão mais longa e profunda do que as que então já se fazem. Entretanto, jamais se viu nesta coluna ou em outras de idêntica importância o mesmo procedimento com homens, menos ainda com homens públicos, governadores e presidentes. Em 2004, uma pequena exceção deu-se quando a coluna, no mesmo estilo, tentou demonstrar como o novo cavanhaque do antigo presidente da República, Itamar Franco, assemelhava-se ao usado pelo imperador Dom Pedro I. Inicialmente, é preciso destacar que o espaço dado às mulheres foi o dobro do destinado ao antigo presidente, assim como o número de fotos foi triplicado. Se por um lado, no caso masculino havia uma sugestão de analogia com uma figura histórica proeminente, no caso feminino, o implícito conferia às mulheres públicas uma excessiva preocupação com a futilidade — implicada nas várias tentativas de mudança de visual, na mudança dos penteados — apesar de estarem a frente de importantes cargos públicos. Algo como dizer: as mulheres não mudam, estão sempre preocupadas com a aparência, mesmo que sejam socialmente importantes.

Mas ainda se poderia contra-argumentar que o espaço das colunas é lugar de linha editorial mais leve. Constata-se, porém, que em novembro de 2003, no caderno de economia do mesmo jornal, houve um enfoque semelhante, desta vez com a representação feminina das equipes do FMI nos acordos com o Brasil. O jornal optou por montar um *box* de recuperação histórica, cujo ponto central era a maneira de vestir-se das mulheres ao longo dos últimos 20 anos. Mais uma vez o destaque, em se tratando de mulheres, ao invés das idéias e questões centrais das negociações (pauta previsível no caso de figuras masculinas) era a maneira de vestir-se e, em particular, o uso das ombreiras, adotado pelas três representantes do Banco, frisando-se que o artifício da vestimenta serve para conferir um corpo mais masculino, com maior volume nos ombros.

Estes casos, aleatoriamente coletados, valem como exemplos demonstrativos de estratégias narrativas da mídia que consubstanciam o que se entende por senso comum sobre a imagem pública feminina. É uma temática que se insere há muito tempo na linha de pesquisa sobre o papel da mídia impressa na naturalização de versões e noções definidoras de padrões e estigmas. Neste sentido, pode-se mesmo afirmar - a título de

apressada, mas significativa, conclusão – que a mídia tem funcionado na sociedade atual como a mais eficaz estrutura de corroboração de valores e de agenciadora do senso comum.

### **Perfil Midiático da Mulher**

Se a proposta é fazer um mapeamento das representações midiáticas em torno da mulher, não se pode desconhecer que Edgar Morin foi um dos primeiros a destacar a importância dos valores de gênero na cultura de massas. Inicialmente, sua perspectiva levava ao reconhecimento de um processo de feminilização cultural e de decadência da virilidade<sup>3</sup>. Depois, ele próprio fez eco à expansão do movimento feminista e à sua capacidade de reconsiderar todo o sistema social<sup>4</sup>. Morin, demonstrava em 1962 que a presença feminina no discurso massivo estava marcada por funções predominantemente reconhecidas como sendo da mulher burguesa, ou seja, a doméstica e a sedutora.

Entretanto, a representação pública das mulheres na mídia não é homogênea, já que responde a distintas expectativas. Não se pode separar esta representação dos valores sociais dominantes presentes em todas as esferas da intervenção social e da cultura. Gonzalo Abril, enumera alguns dos critérios que definem a mulher como objeto de notícia, e, portanto, os “valores de noticiabilidade” a que ela está submetida: “Ser esposa de alguma personalidade importante, destacar a sua beleza, desempenhar o papel de vítima, ser uma personalidade com relevância política, atriz ou atleta e ocupar o posto de primeira dama”<sup>5</sup>. A partir daí, ele apresenta três tipos básicos de mulheres com representação na mídia: as *neutras*, as *estereotipadas* e as *vítimas*.

Segundo Abril, a mídia oferece um tratamento distinto para cada uma delas: no grupo das neutras, estão incluídas as personalidades públicas. Sua presença é significativamente menor que a dos homens, da mesma maneira que estão em menor número as opiniões femininas utilizadas como especialistas e para opinar sobre assuntos importantes. No grupo das estereotipadas, estão as que são apresentadas como esposas de algum personagem público e aquelas destacadas pela sua beleza. A diferença com o grupo anterior é que estas gozam de uma maior presença na agenda pública da mídia, apesar de ser baixo o grau de importância das informações que protagonizam. Por último, as

---

<sup>3</sup>- MORIN, E. 1962, p.200.

<sup>4</sup>- MORIN, E, 1975, 225

<sup>5</sup>-ABRIL, G.,1997, p.192

mulheres que aparecem como vítimas são protagonistas das páginas sensacionalistas ou de espaços dedicados especificamente aos temas femininos.

Com frequência, argumenta ainda Abril, as mulheres são representadas no noticiário em temáticas ligadas à sua vida privada ou então com um viés de intimidade. Geralmente, as informações referentes ao espaço público são em grande parte representadas pelos homens, estes sim autorizados a falar de política e economia, principalmente. Alguns estudos apontam nesta direção, como o desenvolvido no início da década de 80 pela socióloga norte-americana Gaye Tuchman, em que qualificava o modo em que as mulheres são representadas no discurso da mídia norte-americana, chegando mesmo a classificar como uma verdadeira “aniquilação simbólica” o procedimento da mídia com relação às mulheres.

É importante frisar que toda esta temática tem sido objeto de pesquisa de diversos autores, em especial mulheres. São estudos que trabalham com metodologias diversas, como a análise de discurso e a narratológica, mas sempre concentrados na interpretação político-cultural do lugar ocupado pela figura feminina na mídia. Não há dúvida de que, mesmo sendo uma preocupação iniciada mais fortemente nos anos 60, se trata de uma temática ainda atual, uma vez que não se esgotaram as hipóteses sobre a questão e muito menos se conseguiu promover uma alteração na estrutura discursiva sobre o feminino, sempre em posição de desvantagem quando comparado ao masculino.

### **Senso Comum**

A noção de senso comum representa certamente uma conceituação fundamental para a compreensão dos efeitos da naturalização e banalização, difundidos e trabalhados pela mídia de uma maneira geral. Neste sentido, vale destacar a concepção do filósofo pragmatista americano Richard Rorty sobre o senso comum. Para ele, trata-se de uma idéia imobilizadora, na medida em que congela conceitos e propostas, impossibilitando a adoção de busca coletiva em direção às novas posturas, inclusive aquelas mais socialmente inclusivas, porque capazes de reinterpretar valores, ideologias e proposições.

Rorty diz que “quando o senso comum é posto em causa, os seus adeptos começam por responder generalizando e tornando explícitas as regras do jogo de linguagem a que estão habituados a jogar. Ser de senso comum é partir do princípio de que os enunciados

bastam para descrever e julgar crenças, ações e vidas.”<sup>6</sup>. Desta maneira, narrativas fincadas em estratégias do senso comum funcionam com o propósito de reforçar as idéias concebidas e hegemonicamente vigentes na sociedade, independentemente da sua real pertinência no contexto histórico.

Na verdade, toda idéia centrada no senso comum possui uma retórica bastante assimilável, porque reconhecida com facilidade, carregada de pressuposições e pré-julgamentos com enfoque arraigado, além de psíquica e socialmente incrustados. O pensamento pautado no senso comum, como argumenta Rorty, não possui autoconsciência, é característico daqueles que descrevem tudo com um vocabulário a que se está acostumado e habituado. Ser do senso comum é partir do princípio de que apenas alguns enunciados bastam para descrever e julgar as crenças, ações e vidas. Ele frisa ainda que quando o senso comum é posto em causa, seus adeptos começam a responder generalizando e com uma argumentação terminante sobre o que constitui a verdade. Esta postura revela uma posição imobilizadora e incapaz de averiguar outras alternativas de reflexão e pensamento.

De uma maneira geral, grande parte do fluxo discursivo existente na atualidade é responsável pela permanência de estruturas sociais em que o preconceito e a exclusão consolidam-se como regra. Dentre as práticas agenciadoras dessas estruturas, encontram-se as piadas, os chistes populares, as anedotas, mas também e de maneira extremamente mais consolidante, porque massivas, as mensagens difundidas pela mídia. A naturalização destes discursos, o fraco esquema de análise crítica, o baixo índice de escolaridade, os diminutos recursos financeiros e as dificuldades de acesso aos múltiplos recursos discursivos, consolidam de maneira definitiva a aceitação dessa estrutura de preconceitos e de exclusão.

A cobertura jornalística recorta os discursos vigentes na sociedade atual, constituindo-se mesmo como uma das mais determinantes narrativas da atualidade. Na verdade, o jornalismo na atualidade pode ser compreendido em toda a sua força como a mais convincente narrativa das realidades quotidianas. Este reconhecimento bastaria para torná-lo como objeto imprescindível de uma reflexão, que avance para além da mera compreensão do fenômeno e que seja capaz de apresentar contornos propositivos, capazes de ensejarem saídas virtuais a curto e médio prazo, com vistas a uma postura inclusiva e a índices mais baixos de pré-conceitos..

---

<sup>6</sup> - RORTY, R., 1992. p.104

É necessário lembrar que permanecemos numa cultura em que a narratividade mantém sua grande importância. Muitos fatos sociais vão sendo construídos pelo imaginário a partir da narrativa jornalística, responsável hoje, como se sabe, pelo conhecimento coletivo do mundo. Isto se sabe especialmente a partir do jornalista americano Robert Ezra Park, e posteriormente professor de sociologia da Universidade de Chicago, que já na década de 50 assinalou os efeitos cognitivos da notícia, ao definí-la como “uma das formas mais elementares de conhecimento”<sup>7</sup>.

Este entendimento avulta quando se pretende investigar os seus aspectos narrativos. Isto porque, mesmo que a notícia se refira a um determinado acontecimento e se realize num espaço físico muito limitado e por um espaço de tempo breve, ela atua como elemento de partida para a rotina de rituais quotidianos. Ou seja, a narratividade não se encontra no corpo de uma notícia individualizada, mas nas notícias tomadas em sua seqüencialidade. Desta maneira, as notícias objetivas diárias podem constituir-se em uma significação mais ampla e redundar numa sintaxe narrativa coerente. Os quatro exemplos evocados por este trabalho, não se constituem, por esta razão, em estudo de caso. Eles referenciam, sinalizam, são indícios da maneira como a mídia, e em especial, o jornalismo tem operado a representação da mulher, especialmente quando ela se encontra em um lugar social e politicamente de destaque.

Diversos pesquisadores têm elaborado estudos que consigam analisar a representação que a mídia elabora sobre as mulheres. Uma das pesquisas, realizada de junho a julho de 1998, por Patrícia Flores Palácios e Verônica Humerez Yapur em diversos meios de comunicação bolivianos, chegou à conclusão de que “a imagem que se projeta das mulheres na televisão é o de objeto sexual, acessório de decoração desumanizado e complementar ao cenário”<sup>8</sup>

Outra pesquisa referencial para a área foi a realizada em 1999 pelas pesquisadoras Oriana White e Regina Festa, baseada num monitoramento de alguns veículos com o objetivo de analisar a representação a mulher. Os veículos analisados foram a Folha de São Paulo, Jornal Nacional e Programa Fantástico da Rede Globo e o noticiário matutino da Rádio CBN. As pesquisadoras concluíram que “os dados finais mostram que, ao depender

---

<sup>7</sup> - SAPERAS, E., 2000 p.22

<sup>8</sup> - FLORES, P. E HUMEREZ, V., “La mirada invisible” in apud FISCHER, A. 2001, p.35.

do aparelho informativo desses meios, as mulheres brasileiras não têm outros modelos de auto-representação nas esferas públicas que não sejam a perpetuação da dominação silenciosa”<sup>9</sup>.

Estas propostas revelam uma preocupação específica com a representação social promovida pela mídia sobre as mulheres. Na verdade, é preciso considerar, como enfatiza Agnes Heller que “a classe burguesa produz preconceitos em muito maior medida que todas as classes sociais conhecidas até hoje. Isso não é apenas consequência de suas maiores possibilidades técnicas, mas também de seus esforços ideológicos hegemônicos: a classe burguesa aspira a universalizar sua ideologia”<sup>10</sup>. Ora, é preciso considerar que no contexto descrito por Heller ainda não incidia com força total a densificação midiática vigente na atualidade, que opera como o mais eficaz instrumento formativo e informativo da sociedade.

O lugar subalterno e desprestigiado que as mulheres ainda ocupam na sociedade atual pode ser diagnosticado a partir dos diversos monitoramentos que se têm realizado na produção discursiva da mídia, cujo padrão eurocêntrico não amplia os olhares para além das zonas do exotismo, da sexualidade, do culto extremado da beleza física e da naturalização do amor materno.

### **Apagamento da memória**

A adoção da postura isolacionista e de sistemático apagamento identitário que as sociedades promovem com relação ao feminino também produz um estranho estado de desmemorização das sociedades com relação às figuras femininas. . Por um lado, é a própria imprensa que “se esquece” de seus preconceitos explícitos no passado. Rachel Soihet faz ver que a imprensa brasileira de fins do século XIX corroborava todos os preconceitos sociais quanto à participação da mulher na sociedade, segundo os quais a emancipação feminina era vista como grave ameaça à ordem estabelecida. Criminalistas e médicos da época alertavam para o perigo representado pelas mulheres intelectualizadas, a exemplo do dr. Augusto Militão Pacheco, que comentava os motivos que levariam a mulher a cometer o terrível crime do infanticídio: “as mulheres originais”, distintas das

---

<sup>9</sup> - FESTA, R. “La violencia Dulce Invisible para las Propias Mujeres” in apud FISCHER, A. 2001, p36.

<sup>10</sup> - HELLER, A. 1972, p.54.

demais “pela extrema devassidão (...) pelo gosto infrene de pintar, escrever, viajar, etc.”<sup>11</sup>. Mencionando os caricaturistas Raul Pederneiras e J. Carlos, a mesma pesquisadora acentua que, na imprensa carioca, a *charge* foi um recurso muito utilizado para ridicularizar o movimento de emancipação feminina. Diz: “Raul Pederneiras, que teve grande atuação na imprensa do Rio de Janeiro, foi um crítico implacável das mulheres que pretendiam ampliar seu espaço de atuação na sociedade. Entre as cenas que privilegiava, buscava realçar a incompatibilidade entre o exercício de atividades extradomésticas (o trabalho em especial) e as funções de mãe”<sup>12</sup>.

Por outro lado, verifica-se um apagamento de memória social, que só parece diminuir de intensidade na medida em que a localidade ou o grupo ainda mantenham fortes laços afetivos e estruturas narrativas consistentes, construídas quotidianamente para além das estratégias narrativas midiáticas. Dois exemplos ilustram com razoável clareza estas duas situações. O primeiro refere-se à dificuldade de se passar para crianças e adolescentes a evidência de que história da humanidade, e principalmente a história do país, não é escrita apenas pelos proeminentes personagens masculinos. Para tanto, apresentamos aqui um fato com o qual tivemos contato, não tendo sido feita nenhuma inferência metodológica mais apurada junto aos envolvidos. O fato ocorreu em uma das mais conceituadas escolas de classe média da cidade do Rio de Janeiro, onde os alunos de sexta-série do ensino fundamental foram convocados pela professora para fazer uma redação sobre uma figura heróica de sua escolha. Os 22 alunos passaram alguns dias de março deste ano na busca de alguém representativo.

Resultado: quase metade da turma optou por heróis fictícios, oscilando entre Batman e o Homem-Aranha, que foram os mais cotados. Uma parte significativa escolheu heróis tidos como universais e alguns midiáticos, indo desde Gandhi a Airton Sena ou John Lennon. Apenas três optaram por considerar heróis brasileiros, como Tiradentes, Pedro Álvares Cabral e Maria Quitéria. Maria Quitéria ??? Sim, a escolha desta heroína da independência baiana foi mesmo um espanto. Os colegas não sabiam de quem se tratava e, mesmo na hora de se escolherem os cartazes para demonstrar para todo o Colégio a pesquisa realizada, mais uma vez a valorização das figuras femininas foi relegada a um

---

<sup>11</sup> - SOIHET, Rachel. 2004, p. 15

<sup>12</sup> - IBIDEM, p 16.



segundo plano. Maria Quitéria foi deixada de lado.

A história de Maria Quitéria é bastante desconhecida, apesar da sua bravura e da sua efetiva participação nas lutas pela independência na Bahia. Talvez pudesse ser esta a alegação: trata-se de uma personagem marcadamente regional, já que ficou restrita à Bahia. Não parece, entretanto, ter sido esta a justificativa, principalmente quando se considera a proeminência de heróis brasileiros que, apesar de atuação regionalizada, alcançam um patamar na memória nacional. Neste registro, é preciso levar em conta ainda a qualificação dos instrumentos e aparatos de conservação e recuperação da memória, porque se inicialmente a guarda destas narrativas estava confiada aos diversos títulos sobre a história do país e dos estados, agora conta com a diversidade informacional disponibilizada pela rede cibernética.

Mas é preciso considerar ainda que também sobre este material coletado, organizado e disponibilizado na rede existe uma produção intencional onde estão privilegiadas ou não personagens e fatos. Isto porque como afirma Antônio Gutierrez “as estruturas do poder incidem diretamente na organização do conhecimento e determinam uma determinada política de memória. Toda classificação implica uma visão do mundo, uma cosmovisão, um código hegemônico: a classificação implica instituição”<sup>13</sup>.

Quando se fala em memória, tendemos a pensar nos processos de introspecção e rememoração de fatos significativos do passado. Isto acontece com a memória individual, mas também com a coletiva. Em qualquer dos casos, a memória é uma reconstrução do passado à luz da inteligência do presente. Entretanto, faz-se necessário realizar uma distinção, no interior da operação mnemônica, entre a lembrança orientada pelos conteúdos, como a recuperação e reconstrução de um evento significativo, e aquela direcionada pela dinâmica da recordação grupal. No primeiro caso, a memória-conteúdo, é extremamente valorizada pela museificação e historiografia, pela tecnologia avançada e pelas provas de verdade.

No segundo caso, no da memória como dinâmica grupal de rememoração, emerge a dimensão da exomemória (memória externa), que envolve sujeitos e objetos, narrativas e práticas ritualísticas, agenciados por um pacto simbólico. Isto porque o princípio da exomemória é um pensar externo atuante e voltado não para a reconstrução verdadeira (e

---

<sup>13</sup> - GUTIERREZ, A. 2004. Redes Digitales e Exomemoria. in Semiosfera, 2004, [www.eco.ufrj.br-Semiosfera](http://www.eco.ufrj.br-Semiosfera)

metafísica) de um passado e sim para reviver o consenso comunitário, ou seja, a revivificação da identidade grupal.

Portanto, toda memória é uma interpretação em que, reconstruindo-se necessariamente as identidades individuais e coletivas, cujas vozes partem de um passado, se joga ao mesmo tempo com o plano subjetivo do presente vivido e com as redes de sentido que sustentam a vida dos indivíduos. Isto quer dizer que identidade e memória estão estreitamente associadas, possibilitando que se manifestem os conflitos e lutas pela hegemonia que atravessam os grupos sociais.

Compreendido desta maneira, o trabalho com a memória representa um empenho identitário de elucidação das representações que se produzem e circulam dentro da diversidade dos grupos sociais. Sendo assim, localizar uma lembrança implica relacioná-la em uma rede com outras, também externalizadas e grupalmente conhecidas. Ou seja, a construção coletiva da memória parte inicialmente de um pacto de tradução das práticas sociais. Assim é possível entender porque numa sociedade em que a produção midiática sobre as mulheres apresenta com frequência um perfil limitado e porque uma pesquisa sobre Maria Quitéria não conseguiu coletar mais do que dois títulos, esparsas informações na rede e um número reduzidíssimo de imagens, capazes de fornecer uma idéia de quem havia sido esta primeira-cadete.

Se por um lado algumas figuras heróicas importantes para a história do país ficaram restritas a algumas áreas e mesmo assim em patamares bastante discretos, é possível perceber o lugar de destaque, mítico mesmo, que algumas figuras despertam ainda hoje em sociedades com perfil e vivências menos societárias e mais comunitárias.

O segundo exemplo trata de Benta Pereira, marcante personagem goitacá para a população de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro. A personagem, que poderia ter ficado restrita à sua participação no levante de maio de 1748, encontra-se na verdade presente na vida da comunidade, pela força da reinterpretação coletiva que ao longo dos séculos tem sido feita da sua história.

É digno de nota, como em meio a uma série de artigos, poemas, poesias, hinos e crônicas a ela dedicados, quase sempre aproximativos, já que é tratada como “nossa heroína” ou “mulher campista”, podem-se comprovar alusões de cunho machistas, obviamente masculinas, à excessiva dedicação à sua memória. Um exemplo foi o texto do

advogado Jaime Landim, no jornal Folha do Comércio, de 23 de abril de 1919, onde ele escreve “Benta Pereira é uma desgraciosíssima exceção das mulheres campistas. Que fosse mencionada, vá lá; mas que só ela fosse mencionada e descrita - é injustiça.(...) Eu aconselho (embora tenha uma larga certeza da inutilidade do conselho) que se jogue água fria nessa admiração desvairada pela Benta”<sup>14</sup>.

É preciso registrar, logo ao final desta citação que, desatualizada, aparece com matizes tão grotescos, que, dada a complexidade discursiva de hoje, o liberalismo assimilacionista vigente na atualidade tende a produzir discursos politicamente mais corretos. Há também estratégias de atuação afirmativa, que estão bem distantes de serem gritantemente reconhecidas como marxistas. Estas estratégias— é importante que se reconheça e que seja assumido por todos os movimentos minoritários — encontra-se num processo de descentralização, que onde só podem ser considerados enveredando-se necessariamente por outras instâncias, como a econômica, a lógica do mercado e do consumo.

Vale retomar uma frase do italiano Umberto ECO no sentido de que “os mass-media são genealógicos e não têm memória”. E ele próprio explicava: são genealógicos porque neles toda invenção produz imitações em cadeia, uma espécie de linguagem comum. E não têm memória porque, depois de produzida a cadeia de imitações, ninguém mais pode lembrar quem a iniciou, confundindo-se facilmente o iniciador da estirpe com o último dos netos.<sup>15</sup>

Este é sem dúvida alguma, um dos mais cabais argumentos para que os diversos movimentos minoritários se preocupem em produzir mensagens, discursos, enfim, falas capazes de evidenciar não apenas a contradição de suas condições, mas especialmente funcionar de maneira ativa na produção de discursos inclusivos e capazes de re-interpretar efetivamente o contexto histórico e a atualidade. A proliferação de imagens e discursos certamente pode concorrer ainda mais para este estado de excessivo fluxo de mensagens e um congestionamento de sentidos. Mas na medida em que as produções estiverem ancoradas a estruturas mediadoras como a escola, o trabalho, a religião, etc, é possível que venham a significar algo mais do que mensagens dispersas

---

<sup>14</sup> - VIANA, S. 2001, p.67

<sup>15</sup> - ECO, U. 1984 p.176.

### **Uma narrativa inclusiva**

É alentadora a aposta de Rorty na reescritura como força aglutinadora e inclusiva. É uma posição que se encaminha no mesmo sentido a que se propõe este texto, ou seja, na idéia de que, em uma redescrição, “qualquer coisa pode ganhar um aspecto positivo ou negativo”. É o que aqui se pretende estabelecer — partindo do aforisma nietzscheano, de que “não existem fatos, somente interpretações”, desenvolvido a partir da máxima “o mundo tornou-se uma fábula” —, valorizando-se de maneira vitalizante não mais a pressuposição de verdade, mas sim a interpretação, nos moldes do filósofo italiano Gianni Vattimo, ou mesmo nos de Rorty, com a redescrição. Ou por outra, valoriza-se a produção jornalística exatamente no que ela aponta como definidora de sua especificidade: a elaboração de relatos.

Neste sentido, é necessário dispor-se a uma revisão da utilização da narrativa como possibilidade de discurso inclusivo — ou seja, aquele voltado para a afirmação minoritária. A pesquisa e análise dos modelos narracionais presentes na grande mídia, mas também a pesquisa em direção a outras formas de narrativa atuantes na vida das comunidades periféricas e nos produtos de comunicação comunitária é um passo fundamental.

A investigação dos múltiplos discursos e narrativas produzidos pelos grupos minoritários transforma-se em uma proposta vigorosa dentro da área da comunicação. Isto porque como argumenta o teórico inglês Norman Fairclough, a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: “contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também para transformá-la”<sup>16</sup>. E é exatamente nesta proposição que se insere este trabalho, ou seja, na perspectiva da construção de estruturas narrativas capazes de possibilitar uma compreensão e uma prática mais inclusiva e efetivamente igualitária.

Retomando a abordagem inicial: as coberturas fotográficas sobre as três personagens femininas proeminentes da atualidade - uma governadora, uma então ministra, uma diretora do FMI — e os dois casos de recuperação de figuras históricas - Maria Quitéria e Benta Pereira — corroboram a visada central deste trabalho, no sentido de que “as ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam

---

<sup>16</sup>- FAIRCLOUGH, N. , 2001, p.92

naturalizadas e atingem o status de *sensu commun*”. Por esta razão, avaliamos como negativas as narrativas que trabalham com estruturas retóricas bastante acessíveis à grande massa e que não fazem mais do que reforçar conceitos arraigados nos quais a representação da mulher permanece a mesma de 60 anos atrás, ou seja, com um papel subalterno na sociedade global. Concorrem para o mesmo efeito os discursos históricos incapazes de promover uma reinterpretação da figura feminina e de seu lugar nos eventos que marcam a memória coletiva.

---

### **Referências bibliográficas:**

1. HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972
2. PAIVA, Raquel. O espírito Comum : mídia, globalismo e comunidade. Petrópolis, 2ª. Edição, Mauad, 2003.
3. RORTY, Richard. Contingência, ironia e solidariedade. Trad. Nuno Fonseca. Lisboa, Ed. Presença, 1992.
4. FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Trad. Izabel Magalhães. Brasília, Ed. UNB, 2001.
5. RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, Papirus, 1995.
6. BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:---. Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol. I . São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.
7. ABRIL, Gonzalo. Teoria General de la Información. Ediciones Cátedra, 1997.
8. CLIFFORD, James. A Experiência Etnográfica. Editora da UFRJ, 1998
9. FERRAROTTI, Franco. Histoire et Histoires de Vie. Méridiens, 1983.
10. SERRES, Michel. La Traduction. Minuit, 1974.
11. FISCHER, Amalia. Tese de Doutorado “Mídia e Cartografias feministas: estratégias comunicativas e micropolíticas”. orientadora Profa. Janice Caiafa, ECO-UFRJ, 2001
12. SAPERAS, Enric, Os efeitos cognitivos da comunicação de massas ,Lisboa, Asa Editores, 2000
13. GUTIÉRREZ, Antonio Garcia. Redes Digitales e Exomemoria. in Semiosfera, 2004, www.eco.ufrj.br-Semiosfera
14. VIANA, Sandra Maria. Uma leitura do mito de bravura da mulher campista nos jornais de Campos dos Goytacases - dissertação de mestrado, orientadora Bethania Sampaio Mariani, UFF, 2001.
15. ECO, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
16. TINOCO, Godofredo. Benta Pereira . 1958
17. MORIN, Edgar. L’esprit du temps, 1, Nevrose, Paris, Grasset., 1962.
18. ----- . L’ esprit du temps, 2, Necrose, Paris, Grasset, 1975.
19. SOIHET, Rachel. Pisando no sexo frágil. In revista Nossa História, no. 3, janeiro 2004, Ed. Biblioteca Nacional.



